

INDEPENDÊNCIA EXTERNA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 27.10.1981

A política internacional brasileira vem assumindo um caráter claramente independente. Embora já houvesse antecedentes, a guinada foi dada pelo presidente Geisel quando era Ministro das Relações Exteriores o Sr. Azeredo Silveira, e agora é confirmada pela atuação do ministro Saraiva Guerreiro.

O governo brasileiro, que, no plano interno encontra-se perdido em função da sua própria ilegitimidade, no plano internacional revela que o Brasil já atingiu maturidade suficiente para distinguir os seus objetivos dos objetivos das nações imperialistas.

Há dois imperialismos básicos no mundo: um militarista, agressivo e socialmente retrógrado, mas internamente democrático; o outro defensivo e socialmente progressista mas interna e externamente autoritário. O imperialismo russo é obviamente mais inteligente do que o norte-americano, na medida em que sua estratégia em relação aos povos dominados é claramente de desenvolvimento econômico e progresso social, este medido em termos de elevação dos níveis de saúde e educação e de equalização da distribuição de renda. Mas é sempre um imperialismo autoritário e ameaçador, como os episódios na Hungria, na Tchecoslováquia e no Afeganistão deixaram claro.

Já o imperialismo norte-americano é de um lado menos direto, deixando mais campo de manobra para as nações subordinadas. E de outro, é social e economicamente retrógrado, na medida em que não se sente responsável pelo desenvolvimento dos povos dominados. Pelo contrário, propõe-se a continuar a explorá-los, na medida em que apresenta como sua única “contribuição” ao desenvolvimento dos países subdesenvolvidos a penetração das empresas multinacionais.

Diante desses imperialismos, a crescente independência da política internacional brasileira tem como marcos o reconhecimento do governo comunista de Angola, o restabelecimento de relações diplomáticas com a China, e agora foi confirmado pela participação do Brasil na Conferência Norte-Sul de Cancun.

Esta independência do Brasil é fruto de um lado da crescente importância econômica e política do país no plano internacional. O Brasil é um país subdesenvolvido porque desigual, porque sua produção por habitante ainda é baixa e muito mal distribuída. Mas, em termos absolutos, já é um país economicamente poderoso dado a dimensão de sua produção agrícola e principalmente industrial.

Por outro lado, a independência crescente do Brasil deriva da decadência de hegemonia norte-americana, traduzida na política das duas últimas presidências. Carter era um fraco. Reagan é a caricatura de um conservadorismo radical que, no plano externo, apóia o genocídio em Salvador, ameaça o mundo com conflitos nucleares limitados e com a bomba de nêutron, e recusa qualquer apoio ao terceiro mundo, aliando-se aos setores sociais mais retrógrados e autoritários nesses países. E que no plano interno elimina benefícios sociais, reduz impostos e aumenta despesas militares em nome de uma teoria econômica (supply side economics) que provavelmente levará a economia norte-americana a níveis mais profundos de estagflação.

Diante desse quadro o Brasil, apesar de todas as suas contradições internas e de sua dependência financeira em relação aos banqueiros internacionais, vai conseguindo desenhar sua própria imagem no cenário internacional. Apesar de todas as ligações que temos com os Estados Unidos, vai ficando claro para todos que os interesses do Brasil são muito diversos dos interesses norte-americanos. Mas, esta política internacional só ganhará realmente substância quando tiver correspondência interna, não apenas em uma continuidade do desenvolvimento (hoje ameaçada por uma política econômica incompetente), mas também em níveis mais elevados de democracia e em uma reversão ainda não lograda (como o último censo deixou claro) na tendência à concentração de renda. (27/10)